

HEIDEGGER E A INVESTIGAÇÃO

HEIDEGGER AND THE INVESTIGATION

Maria Beatriz de Medeiros

Pós-doutora pela Collège International de Philosophie (CIPh)

Doutora em Artes e Ciências da Arte pela Sorbonne

Presidente da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) entre 2002 a 2004

Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos

Professora do Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília (UnB)

Obras: Aisthesis; Bernard Stiegler; Reflexões (não) contemporâneas

Obras organizadas com Marianna Monteiro: Tempo e Performance; Espaço e Performance

mbm@unb.br

RESUMO

Em 2004, tecemos um texto sobre a pesquisa em arte, a partir de Heidegger, questão ligada à questão da arte poder ser considerada linguagem, e ao questionamento sobre o conceito mesmo de linguagem. Aqui retomamos o tema atualizando-o, repensando-o, fazendo-o devir. A questão da pesquisa em arte se encontra aqui para sempre truncada e, como tal, para sempre pesquisa do que seria pesquisa em arte, abismo intransponível.

Palavras - chave: Pesquisa. Arte. Linguagem. Heidegger.

ABSTRACT

In 2004, we weaved a text upon a research in art, as of Heidegger, a subject related to an art matter can be considered language, and a questioning about the own concept of language. Here we take up again the subject bringing it up to date, rethink it, making it happen. The matter of the research in art finds itself forever truncated and, as such we will forever research what would be a research in art, insurmountable abyss.

Key words: Research. Art. Language. Heidegger.

A PESQUISA EM ARTE: VISITAÇÃO

Em 2004, na introdução dos anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), tecemos um texto sobre a pesquisa em arte. Questão estreitamente ligada à questão da arte poder ser considerada linguagem, e conseqüentemente, ao questionamento sobre o conceito mesmo de linguagem. Aqui retomamos o tema - atualizando-o, repensando-o, fazendo-o devir.

HEIDEGGER E A INVESTIGAÇÃO

Heidegger (1996), em *Ser e tempo*, como lhe é próprio, antes de se debruçar sobre as questões relativas ao ser e ao tempo, desenvolve longo texto (p. 11 a 71) sobre o que seria investigar, questionar, pesquisar. Seu foco é o ser, e nele encontra o tempo.

Permitimo-nos aqui apresentar os ensinamentos de Heidegger consubstanciando-os para a arte e, conseqüentemente, para a poesia, essência da arte, segundo o próprio Heidegger, e veremos como o questionar o ser é da mesma ordem do questionar o ‘dizer’ o ser, isto é, a arte, forma de dizer o ser e o mundo, maneira de criar um ser através de um propor novas aproximações do que poderia ser este mundo.

Para Heidegger, “visualizar, compreender, escolher, aceder a são atitudes constitutivas do questionamento e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, *daquele* ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos” (p. 33, grifo do autor). Aqui podemos ampliar as “atitudes constitutivas do questionamento”. Em vez de ‘visualizar’, diremos: sentir com todos os sentidos, com todos os poros, com os pelos, com o corpo todo; um sentir que fundará um *logos* sem, no entanto, determiná-lo. - Sentir onde a cadeira começa a incomodar meu corpo submisso à máquina, meu peito respira aliviado da primeira chuva no sertão, meus ouvidos calam diante das cigarras enfurecidas, meus lábios desejam carícias, os dedos no copo gelado, a mente no remédio para o meu filho, que não fui buscar.

Heidegger, na obra citada, diz que “toda procura retira do procurado sua direção prévia”. Em arte, significa dizer que esta, interrogada pela linguagem do artista-interrogador, será afastada de seu caminho, pelo fato dele realizar pesquisa, isto é, quando o artista-interrogador buscar cernir seu objeto, retira-o de seu contexto. Isso implica, por outro lado, renovação. Se o artista-investigador procurar a linguagem artística, por meio de outra

linguagem (falada ou escrita), tira da primeira sua direção prévia. Assim, o investigar teórico desloca a pesquisa prática e vice-versa: a pesquisa desloca o investigador. Isso, então, implica forçosamente mudança de direção de ambas as partes.

Heidegger prossegue: “A procura ciente pode transformar-se em investigação se o que se questiona for determinado de maneira libertadora”. Interessante esse conceito de investigação libertadora, ou seja, a busca sem a delimitação de meios e fins restritos. - Pergunto-me sobre a liberdade, sua possibilidade, seus meios. A liberdade tem fim?

“Na investigação, isto é, na questão teórica, deve-se determinar e chegar a conceber o questionado” (1996, p. 30). Essa afirmação do autor parece reveladora: a investigação, em arte, concebe o questionado. Não define, não determina, mas concebe, cria o objeto mesmo da pesquisa, faz nascer o processo/produto artístico da própria pesquisa.

Retirar uma obra de arte de seu propor sem palavras um mundo, resgatá-la de seu processo, é torná-la palavra finda, arrancá-la de sua genealogia deixando-a só “como os veleiros nos portos silenciosos”¹.

Do nosso ponto de vista, em arte, definir, determinar é impossível, já que esta é indizível. Na pesquisa em arte, teórica ou prática, parece claro que cernir o objeto é concebê-lo.

“Enquanto procura, o questionamento necessita de uma orientação prévia do procurado. Para isso, o sentido do ser deve estar, de alguma maneira, disponível” (HEIDEGGER,1996). Na nossa investigação, seria o sentido da arte que deveria estar disponível. Mas assim como o ser, segundo Heidegger, “nós nem sequer conhecemos o horizonte em que poderíamos apreender e fixar-lhe o sentido. Essa compreensão do ser, vaga e mediana, é um fato”. O questionar a arte, grito do ser, é da mesma forma volátil, múltiplo e sempre singular. O trabalho artístico questionado orientará a pesquisa, a metodologia de pesquisa. Fixar o sentido não deverá ser objetivo já que este não é único ou fechado. Interpretações são castradoras, significâncias são mutilações.

Como o ser, que é inapreensível, assim também a arte permanecerá inapreensível ou, se apreendida, deixará de ser capaz de expressão para se tornar código.

Heidegger identifica determinados setores que poderiam se transformar em temas e objetos de investigação científica: história, natureza, espaço, vida, presença, linguagem. Mas afirma que os mesmos são levantados e fixados de uma maneira ingênua, grosso modo.

¹ Poema Ausência de Vinícius de Moraes, extraído de www.culturabrasil.pro.br/vinicius.htm

Se o peso de uma pesquisa sempre se coloca nessa positividade [levantar e fixar setores de objetos], o seu progresso propriamente dito não consiste tanto em acumular resultados e conservá-los em ‘manuais’, mas em questionar a constituição fundamental de cada setor que, na maioria das vezes, surge reativamente do conhecimento crescente das coisas (p. 35).

Eis aqui uma afirmação que nos deixa mais abertos, quicá abandonados, em pesquisa: cada setor – história, natureza, espaço, vida, presença, linguagem -, se constituirá reativamente na medida em que o questionamento se alastrar.

“O nível de uma ciência é determinado pela sua capacidade de sofrer uma crise de seus conceitos fundamentais” (p. 38). Não buscaremos saber qual o nível de uma ciência nem faremos comparações entre diferentes áreas de conhecimento, mas, se a afirmação de Heidegger for certa, temos certeza que nossas ciências, inclusive a arte, têm um altíssimo nível, sofrendo crises incessantes, rompendo horizontes. Heidegger, como ciência, cita a matemática, a física, a biologia, as ciências históricas do espírito e a teologia.

O autor prossegue afirmando que conceitos fundamentais, frutos de uma investigação prévia, guiam pesquisas positivas. Será que Heidegger consideraria a arte e a poesia ciências positivas?

Heidegger distingue investigação prévia e lógica. A lógica analisaria o estado momentâneo de uma ciência em seu método. A lógica não levaria em conta o tempo, e a investigação prévia realizaria uma interpretação daquele ‘ente’ histórico em sua historicidade. Para ele:

Em geral, pode-se definir ciência como o todo de um conjunto de fundamentação de sentenças verdadeiras. Essa definição não é completa e nem alcança o sentido da ciência. Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem). Nós o designamos com o termo *pre-sença* (p. 38).

Dasein (*pre-sença*)² é entendido por Heidegger como aquilo que sendo coloca em jogo seu próprio ser; aquilo que se compreende em seu ser, isto é, sendo; como ente determinado em seu ser pela existência. O *dasein* tem seu sentido na temporalidade. Assim, as ciências, inclusive a arte, como atitude do ser humano, possuiriam aquilo que sendo coloca em jogo o próprio ser. Assim sendo, relendo e parafraseando, veremos que se pode definir ciência como um conjunto de fundamentação de sentenças momentaneamente verdadeiras.

² Heidegger recusa uma vez por todas a tradução de *dasein* por ‘être-là’. O *dasein*, para assim dizer, aberto-para-sempre (*ouvert-à-tout-jamais*). Que o ser aberto do homem, do qual o outro nome é *alethéia*, não acaba com o fechamento (*enfermement*), já que ele não precede nem segue nenhum fecho (*fermeture*). (VEZIN, 1986, p. 32).

- Verdade, verde, vermelho, verso versátil, vértice, você. Ver-me, ver-te, ouvir as cigarras, agora, ao pôr- do- sol, enlouquecidas. Deixar o corpo pender da janela, abandonando o texto, o contexto. E sempre de novo ver-te nas palavras: contigo.

“O que é ‘verdadeiro’, de modo ainda mais originário do que o *logos* [...] é a *aisthesis*, a simples percepção sensível de alguma coisa” (p. 64). E, “a percepção é sempre verdadeira” (p. 64). Por *logos*, Heidegger entende: discurso, razão, juízo, conceito, definição, fundamento, aquilo que revela, deixa e faz ver sendo fala, articulação em palavras, na qual sempre algo já é visualizado. E, ainda, o *logos* pode ser verdadeiro ou falso. Seria possível o *logos* dizer o “abismo intransponível” (HEIDEGGER, 2000, p. 67) Seria possível utilizar o *logos*, que não é originário, que não é o ‘lugar’ da verdade (da coerência) para falar a *aisthesis* (MEDEIROS, 2005), para dizer aquilo que toca a percepção, qual seja, aquilo que diz respeito ao que é sempre verdadeiro?

A questão da pesquisa em arte se encontra aqui para sempre truncada e, como tal, para sempre pesquisa do que seria pesquisa em arte, ou seja, busca de como fazer falar o *logos* – discurso- sobre a *aisthesis* – abismo intransponível.

A arte, revelando o outro do mundo real, é abertura para que o *socius* se funde e se confunda, sendo levado novamente a encontrar o movimento mesmo, aquele que a vida necessita, isto é, o tempo, onde o *dasein* tem seu sentido.

A arte é pensamento, mas pensamento-descoberta a cada obra, a cada novo re-sentir a obra, a cada novo espectador, a cada nova expectativa. - Assim concebe-se a pesquisa em arte e ouve-se sua feliz sentença: arte, você permanecerá para sempre pesquisa. E me regogizo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 2000. 73 p.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Aisthesis*. Estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2005.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Introdução e Arte e Pesquisa: Linguagem. In ANPAP, Anais do XIII Encontro Nacional da ANPAP, A arte pesquisa. História, teoria e crítica da arte. Brasília: Dupligráfica, 2003. 352 p. v. 2. P. 9 a 17 e 178 a 182.

VEZIN, François. L’Horizon de la traduction. In *Magazine Littéraire*, no 235, novembro de 1986. P. 30 a 34.